

Experiência na formação de estudantes do curso profissionalizante normal

Vanessa Fasolo Nasiloski¹

Resumo

O presente texto tem como objetivo central relatar a experiência de ensino desenvolvida com os estudantes do curso profissionalizante normal – A/E do Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller do município de Rio Grande – RS. Experiência desenvolvida na disciplina de didática geral. Este relato parte das dúvidas e dos desafios vivenciados pela professora diante da diversidade de expectativas trazidas pelos estudantes; das particularidades de objetivos por estar frequentando o curso de magistério. Algumas questões que nortearam a experiência: Como valorizar as experiências e conhecimentos presente nos sujeitos envolvidos no processo? Qual a melhor didática que deve ser adotada? Partindo do relato da experiência, buscaremos relacionar com algumas ideias presentes na teoria de Paulo Freire e Miguel Arroio.

Palavras-chave: Diálogo. Didática. Educação.

Relato

Iniciarei o relato fazendo uma contextualização do motivo que levou-me a desenvolver este trabalho. Sou professora do Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller da disciplina de Didática Geral. Este é um curso oferecido na modalidade Normal Pós Médio (profissionalizante). Tem duração de dois anos, dividido em semestres, sendo um ano e meio de aulas teóricas e seis meses de estágio supervisionado nos anos iniciais e educação infantil.

Iniciei minhas atividades no mês de maio do corrente ano. Tínhamos cinco alunas no segundo semestre. Hoje temos três estudantes. No primeiro semestre tínhamos 42 inscritas. Hoje, o segundo semestre conta com 28 estudantes frequentando. Temos um primeiro semestre com 39 estudantes, muito envolvidas. A expectativa é que se mantenham.

¹ Professora do magistério estadual no município de Rio Grande – RS. E-mail: vfnasiloski@hotmail.com

São estudantes que já concluíram o ensino médio e estão em busca de profissionalização. Muitos concluíram o ensino médio há muitos anos ou na EJA e já trabalham como atendentes ou monitores de escolas de educação infantil. Estão no curso pela necessidade da titulação para poderem continuar em seus empregos, tendo em vista a cobrança das escolas de educação infantil para que tenham a titulação. Outras estão com a expectativa de sair do emprego que tem no comércio.

Já estava inscrita no Cirandar 2015 e tinha ideia em escrever sobre inclusão. Algo que estava vivenciando de maneira intensa. A professora que ministrava a disciplina de didática geral estava assumindo a coordenação da supervisão do estágio e eu me sentindo muito perdida, sem saber por onde começar. Estava lendo o livro “Cartas a Cristina” de Paulo Freire. Diante disso, pensei em apresentar-me as estudantes através de uma carta, sendo que está ideia já havia sido lançada nas aulas de mestrado da FURG, que participava como aluna especial com a professora Maria do Carmo Galiuzzi.

Afinal, era uma turma com 42 estudantes, que já se conheciam. A novata era eu! “Quem chega cumprimenta”. Neste caso, se apresenta. Precisava conhecê-las também. Pedi que me escrevessem de volta, se apresentando e falando sobre suas expectativas em relação à educação, ao curso, a disciplina. Para minha surpresa, todas que estavam frequentando responderam a carta. Li todas com muita atenção, mas não sabia que encaminhamento dar as mesmas.

Compartilho com vocês a carta que enviei as estudantes.

“Este registro tem por finalidade apresentar-me ao primeiro semestre do curso Normal AE (aproveitamento de estudos). Meu nome é Vanessa Fasolo Nasiloski, sou natural de Passo Fundo, cidade localizada ao norte do Estado. Sou casada, tenho dois filhos (meninos). Vim para Rio Grande para acompanhar meu esposo que foi aprovado em concurso público, sendo ele professor também.

Minha formação é em Pedagogia-Séries iniciais, com habilitação nas disciplinas do magistério. Terminei minha graduação no ano de 1997. Iniciei minhas atividades docentes durante o período da faculdade (1995) como CIEE da Prefeitura Municipal com uma primeira série. Deste momento em diante me apaixonei pela alfabetização. Depois de formada trabalhei na Universidade de Passo Fundo como Instrutora de Alfabetização. Na rede privada trabalhei

nas escolas: Menino Jesus e Marista. Passei a integrar o quadro do magistério estadual no ano de 2002.

Neste período “fiz de tudo um pouco”. Trabalhei em todas as séries do ensino fundamental I, além de ter ministrado disciplinas não relacionadas à minha formação inicial como: português, história, geografia, artes... Sempre procurei fugir das exatas por sentir-me insegura em trabalhar com química, física, matemática... Além de ter tido passagens pela coordenação pedagógica, EJA e apoio pedagógico.

Vestir a camiseta. Esse sempre foi meu lema. Não só da escola onde me encontrava inserida, mas vestir a camiseta da educação. Preocupar-me com os alunos, não só com a aprendizagem, mas com seu bem estar no ambiente escolar, com a alimentação, com suas reações frente aos problemas sempre fizeram parte da minha trajetória como educadora.

Tenho muita esperança em relação ao futuro educacional do país. Como a grande maioria, espero pela valorização do profissional, maior infraestrutura nas escolas, mas principalmente uma formação inicial de professores que propicie uma aprendizagem efetiva e a compreensão que somos seres em formação permanente. Temos que estar acompanhando os avanços da sociedade, para não continuar, como muitos afirmam, parados no tempo, usando quadro e giz enquanto a sociedade se apropria das ferramentas tecnológicas. Apesar deste aparente otimismo em relação ao cenário educacional, não escondo minha preocupação com o rumo que as coisas estão tomando. Tenho momentos de desânimo como qualquer ser humano penso em procurar outra profissão, mas logo passa. Amo o que eu faço! Faço com amor e por amor!

Agora é sua vez! Baseado neste texto que você acabou de ouvir e posteriormente ler, escreva apresentando-se. Falando sobre o que te motivou a retomar os estudos? Quais são tuas expectativas em relação ao curso e a educação de um modo geral? Escreva o que entende por Didática Geral e quais suas expectativas em relação à disciplina”.

Bom trabalho,

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes.” **Paulo Freire**

Elas responderam minha carta e foi assim que iniciamos um processo de humanização do nosso trabalho. Fiz descobertas sobre elas, que seria impossível conseguir em uma

apresentação oral. Seus anseios em relação a educação. Coloco alguns pontos que considere centrais:

- Ter um curso profissionalizante, quem sabe fazer um curso superior, que muitas vezes não irão possibilitar competência, como afirma Miguel Arroyo (2013, p. 29) “A competência em um determinado recorte da ação social, pode significar a justificativa para adiar esse reconhecimento. Por falta de competência e de domínios de saberes, o reconhecimento a valorização são sempre adiados.”
- Muitas saíram do curso de EJA e buscam a profissão regulamentada;
- Donas de casa criaram os filhos e agora querem ter uma “ocupação”;
- Desejam sair do comércio;
- Pouco se percebe de um desejo real de profissionalização ou da tão famosa vocação.

De um modo geral, estes foram os pontos recorrentes. Poucas têm uma noção leve do magistério em si. Trabalhando com didática geral, percebi o anseio que tem em saber o como ensinar. Mas esse como ensinar não se refere aos métodos que podem ser utilizados para trabalhar com determinados temas, mas sim querem reaprender. Possuem uma tendência a querer reproduzir o que foi feito com elas quando elas estavam na escola. Algo perfeitamente compreensível, pois isso nos dá segurança: o que já sabemos, o que já conhecemos.

Uma das frases que mais usei e uso é: “Fazer mais do mesmo é algo que a educação não suporta mais.” Acredito que muitas já conseguiram abstrair esta condição. Creio que a produção da carta deu o norte para o trabalho que venho desenvolvendo. Partindo das expectativas que demonstraram ter em relação a educação, selecionei textos que procurassem responder esses anseios, como:

- O que é didática;
- Flexibilidade no planejamento;
- Educação inclusiva;
- Rotina na educação infantil;
- Questões sobre gênero;
- Quem é Jean Piaget, Emília Ferreiro e Paulo Freire.

A maioria dos textos extraídos foi da revista Nova Escola, Pátio e Mundo Jovem. A tentativa inicial foram textos de linguagem simples, que facilitassem a compreensão. No segundo semestre fui além. Sugeri a leitura de livros de Paulo Freire. Disponibilizei quatro obras para circular na sala, além dos que a escola disponibiliza na biblioteca. São eles:

- Professora sim, tia não;
- Pedagogia da autonomia;
- Pedagogia da indignação;
- A importância do ato de ler;

Fizemos uma apresentação de Paulo Freire com dados de ordem geral, procurando enfatizar ser importante partir do conhecimento anterior do educando. Ao estudar um tema, as primeiras atividades podem ser mais próximas da realidade do educando, da sua linguagem, concepção do mundo, de seu nível de desenvolvimento. A seguir, caminhar daqui para um conhecimento mais avançado e sintetizado que analise criticamente e transforma a realidade.

Na relação educador-educandos, nega-se o autoritarismo de um e a submissão conformista de outro. Essa interatividade é pautada no diálogo e na intervenção competente e amorosa do educador. Talvez, o mais importante que procuramos apresentar sobre Freire, seja que os princípios ético-políticos-pedagógicos defendidos por ele se aplicam não apenas na alfabetização de adultos, mas a toda situação pedagógica.

Temos programado para o final do ano letivo, que deve acontecer em dezembro, um seminário interno de Paulo Freire. Enfrentei relutância de muitas estudantes e ainda enfrento, mas acredito no potencial do nosso trabalho.

A experiência que estou desenvolvendo como formadora de professores em nível técnico, está sendo algo extremamente desafiador, questionador, mas acima de tudo, prazeroso.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre:** imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.